

Música à Noite

Aldous Huxley

Sem luar, as estrelas desta noite de junho, vivem mais intensamente. A suave fragrância dos laranjais em flor, o aroma da terra úmida, e o invisível verde das parreiras, perfumam sua escuridão. Há um grande silêncio, mas um silêncio que respira ao ritmo do mar e, o som agudo e penetrante de um grilo, reafirma solenemente a profunda perfeição desse silêncio.

Ao longe, a passagem de um trem é como uma demorada, delicada e insistente carícia, no corpo quente e vivo da noite.

Música, voce pensa; esta é uma noite muito boa para música. Mas eu tenho a música aprisionada em uma caixa fechada, como aqueles djinns (gênios) das *Mil e Uma Noites*, e pronta para, a um toque, fugir da prisão. Faço a necessária mágica mênica e, de repente, por alguma miraculosa coincidência (selecionei o disco no escuro, sem saber que música iria tocar), a introdução ao **Benedictus** da **Missa Solene** de **Beethoven** começou a se delinear na noite sem lua.

O Benedictus. Abençoada e Bem-aventurada, esta música é o equivalente desta noite, da profunda e viva escuridão em que agora, de um só golpe, em delicadas e entrelaçadas melodias, pulsando em ondas compactas de som harmonioso, ela se derrama, sem se deter, como o tempo, como o nascer e o ocaso de trajetórias, de trajetórias de uma vida. A música é, também em

outro sentido, o equivalente desta noite, como o perfume é o equivalente da flor do qual ele é extraído.

Há, ou pelo menos algumas vezes parece haver, uma bem-aventurança escondida no interior das coisas, uma misteriosa bem-aventurança, que só acidentalmente, ou através de ocasionais providências (para mim esta noite é uma delas), podemos, sempre de forma fugaz, vislunbrar.

No **Benedictus, Beethoven**, expressa sua percepção dessa bem-aventurança. Sua música é o equivalente dessa noite Mediterrânea, ou melhor da bem-aventurança no coração dessa noite, de como ela seria se pudesse ser depurada de todo acidente e irrelevância, refinada e decantada em sua pureza quintessencial.

Benedictus, benedictus ... Uma após outra as vozes retomam o tema proposto pela orquestra e amorosamente mediatam através de um longo e refinado solo executado por um único violino (pois a bem-aventurança se revela, com mais frequência, aos espíritos solitários). *Benedictus, benedictus* ... Então, subitamente a música morre; o djinn foi novamente aprisionado. Com a insistência estúpida de um inseto, uma ponta de metal começa a raspar o silêncio.

Na escola, quando nos ensinavam o que era tecnicamente chamado de Inglês costumavam pedir-nos que expressássemos “em nossas próprias palavras” passagens de algumas das peças que estavam sendo estudadas e analisadas, com todas as anotações – particularmente as anotações. Então um grupo de escolares, dedos sujos de tinta, laboriosamente traduziam “now silken dalliance in the wardrobe lies” em “agora roupas de seda leve ficam no guarda roupa” ou “Ser ou não ser” por “Imagino se devo ou não cometer suicídio”. Quando terminávamos, entregávamos nosso trabalho e

o pedagogo de plantão devia atribuir-nos notas, de acordo com a precisão com que “as nossas palavras” haviam expresso os sentimentos do poeta.

Ele deveria é claro, dar-nos um zero redondo e muitos outros a ele próprio por nos haver forçado a um tão tolo exercício. “As próprias palavras” de ninguém, com exceção do próprio Shakespeare, são adequadas para “expressar” o significado do que Shakespeare quis dizer. A substância de uma obra de arte é inseparável de sua forma; sua verdade e beleza são coisas distintas que misteriosamente se unificam. A expressão verbal de uma metafísica ou de um sistema de ética é quase tanto uma obra de arte quanto um poema de amor. A filosofia de Platão expressa “nas próprias palavras” de Jowett não é a filosofia de Platão; da mesma forma que os ensinamentos de São Paulo, “nas próprias palavras” de, digamos, Billy Sunday, não são os ensinamentos de São Paulo.

“Nossas próprias palavras” são inadequadas até mesmo para expressar o significado de outras palavras, muito mais ainda quando se trata de exprimir significados cuja expressão original está na música ou nas artes visuais! O que, diz, por exemplo, a música? Em quase todos os concertos, voce pode comprar programas explicando exatamente o que ela diz. Demasiado, exatamente; esse é o problema. Imagine o sonho do Faraó interpretado sucessivamente por José, os adivinhadores do Faraó, Freud, Rivers, Adler, Jung, Wohlgemuth: ele terá muitos significados distintos. Não tantos porem quantos os críticos, em suas prolixas análises, atribuem a quinta sinfonia (Beethoven)...¹

... O que é verdade para a pintura é igualmente verdade para a música.

¹Neste ponto, falta um parte do texto, mas sua ausência não interfere em sua compreensão. Vide o texto original [1].

A música “diz” coisas sobre o mundo mas em termos especificamente musicais. Qualquer tentativa de reproduzir essas afirmações musicais “em nossas próprias palavras” está destinada ao fracasso. Não é possível isolar a verdade contida numa peça musical; pois ela é uma verdade sobre a beleza e ...

Assim, a introdução ao **Benedictus** na **Missa Solemnis** é uma afirmação sobre a bem-aventurança no coração das coisas. Mas, “nossas próprias palavras” não nos podem levar além disso. Se tivéssemos que descrever “em nossas próprias palavras” exatamente como Beethoven vivenciou essa bem-aventurança, como ele a concebeu, o que ele pensou ser sua natureza, rapidamente começaríamos a escrever bobagens líricas ao estilo de escritores de folhetins musicais. Só a música, a música de Beethoven, essa particular música de Beethoven, pode nos dar de forma precisa sua concepção sobre a bem-aventurança. Se quisermos saber, devemos ouvir a música, de preferência numa calma noite de junho, com o mar invisível respirando ao fundo, a fragrância das laranjeiras emanando da escuridão e tentar apreendê-la como delicada e fina harmonia captada através de algum outro sentido.

Referências

- [1] Huxley, A., *Music at Night: And Other Essays*, Penguin Books, 1975.